

Medidas só evitaram fuga das reservas

SOMENTE o aumento da entrada de capital estrangeiro no País permitirá ao Governo reduzir a taxa de juros. Embora o Banco Central tenha elevado as taxas há mais de um mês, não houve ainda crescimento significativo da entrada de capital estrangeiro no País. Com a medida, o Brasil conseguiu apenas estancar a fuga de reservas. O aumento das divisas vai determinar a queda nas taxas de juros, afirma Carlos Guzzo, diretor do Banco Pontual.

Segundo ele, a crise internacional serviu para demonstrar que os US\$ 60 bilhões de reservas, das quais as autoridades brasileiras se vangloriavam, não são nada para enfrentar um ataque especulativo. A taxa de juros foi elevada, afirma, para elevar as reservas internacionais a um patamar que deixe o País numa situação confortável para enfrentar eventuais ataques à sua moeda.

A redução das taxas de juros é fundamental para reaquecer a economia, o que só deverá ocorrer nos últimos meses do próximo ano. Pegado de surpresa pela crise internacional, o Governo teve que alterar completamente as diretrizes de sua política econômica. Resultado: a previsão de crescimento do PIB, antes de 4% para o próximo ano, caiu para 2,5%, nos cálculos mais otimistas.

Privatização - O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes), Luiz Carlos Mendonça de Barros, prevê crescimento da economia entre 0,5% e 2,5%, no máximo. O Banco Pontual trabalha com projeção de 2%, porque, segundo Guzzo, alguns setores, como a agricultura e de máquinas agrícolas, devem continuar crescendo durante a crise. Além disso, em alguns casos a privatização exigirá investimentos dos novos donos das estatais, o que amenizará um pouco a crise.

O problema é que a privatização pode não gerar tanto investimento nesta fase inicial, como espera o governo. Alguns novos controladores do setor elétrico, por exemplo, anunciam que querem melhorar o desempenho do sistema antes de iniciarem investimentos pesados. A melhoria do desempenho pode significar aumento de tarifas da energia consumida nos horários de pico, por exemplo, uma forma de as empresas distribuírem melhor a carga de consumo por mais horas do dia.

Pacotinhos - O agravamento ou não da redução da atividade econômica dependerá dos sinais que o governo emitir sobre a baixa dos juros, avalia o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Stefan Bogdan Salej. Segundo ele, se até janeiro, os empresários não perceberem sinais positivos, tratarão de salvar suas empresas, reduzindo drasticamente as atividades e, conseqüentemente demitindo muita gente.

"Aí vamos levar pelo menos dois anos para retomar o nível normal", alerta, lembrando que as empresas estão ainda despreparadas para responder com novos aumentos de produtividade, como confia o governo.

Stefan Salej diz que a situação das empresas ficou ainda mais difícil porque na esteira do amplo pacote do governo, os governadores criaram "pacotinhos" com revisão das alíquotas e sistemas de cobrança do ICMS, elevando ainda mais a carga tributária sobre os produtos.

"Hoje, há uma combinação perversa do pacote do governo federal, dos juros altos e dos pacotinhos dos governadores, que podem gerar efeitos graves sobre a economia", diz ele. (A.N.)